

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

PORTO ALEGRE EM BUSCA DE UM MODELO DE ESTRUTURA URBANA

Gisela Copstein

Boletim Gaúcho de Geografia, 7: 3-09, jun., 1979.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37632/24285>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jun., 1979

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

**PORTO ALEGRE EM BUSCA DE
UM MODELO DE ESTRUTURA URBANA
(NOTA PRÉVIA)**

GISELA COPSTEIN

SUMÁRIO

A meta deste trabalho é esboçar um modelo de distribuição das funções econômica e residencial na cidade de Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

Em pesquisa anterior¹, verificamos que o crescimento urbano da cidade de Porto Alegre se faz de acordo com padrão axial.

Buscando configurar setores característicos de uso do solo urbano formado pelo crescimento axial, comparamos cartas temáticas e realizamos observações de campo.

MÉTODO

As cartas temáticas de densidade populacional urbana, valor real dos terrenos urbanos, localização de comércio e serviços e indústrias, em escala de aproximadamente 1:44 400, foram utilizadas sob a forma de transparências. Da comparação resultou um conjunto de setores de análise. Os mesmos necessitavam ser classificados para definir setores funcionais urbanos.

Para realizar o agrupamento dos atributos de cada setor no espaço urbano usamos como propriedade de semelhança o valor dos

(*) Apresentado ao 39 Encontro Nacional de Geógrafos - Fortaleza - 1978.

(1) COPSTEIN, G. - Contribuição ao estudo da estrutura urbana de Porto Alegre, in Boletim Gaúcho de Geografia, Série Geografia, nº 6, julho 1977, p. 20.

QUADRO 1

SETORES DE ANÁLISE	VARIÁVEIS											
	VALOR DOS TERRENOS			DENSIDADE DEMOGRÁFICA			INDÚSTRIA			COMÉRCIO E SERVIÇOS		
	a	m	b	a	m	b	a	m	b	a	m	b
1	●			●			●			●		
2		●				●			●			●
3			●		●		●					●
4			●		●							●
5			●		●						●	
6			●			●						
7			●		●				●			●
8			●		●							●
9	●				●				●			●
10		●		●						●		
11		●		●					●			●
12	●			●					●	●		
13	●			●			●				●	
14	●			●								●
15		●		●					●		●	
16			●	●							●	
17			●	●							●	
18		●		●			●		●			
19		●		●			●		●			
20		●			●				●		●	
21			●		●				●		●	
22			●		●						●	
23			●		●						●	
24			●		●		●				●	
25			●		●		●					●
26			●			●						
27			●			●	●					●
28			●		●				●		●	

terrenos em 1971. O critério baseou-se no proposto por Grigg, D. (1974)²: "a classificação pode ser definida como o agrupamento dos objetos em classes fundamentadas em alguma semelhança, quer de suas propriedades, quer de suas relações".

Considerando aquele valor (Quadro 1, coluna A), delimitamos 28 setores homogêneos e os mesmos foram classificados qualitativamente em áreas de alto (a), médio (m) ou baixo (b) valores dos terrenos. Como exemplificação - setor 1, de alto valor dos terrenos, corresponde à área mais antiga e central da cidade.

Verificamos, a seguir, em cada setor, a situação quanto à densidade demográfica (Quadro 1, coluna B), à localização de indústria (Quadro 1, coluna C) e à comercial e de serviços (Quadro 1, coluna D). Todas estas variáveis foram igualmente hierarquizadas, considerando-se intensidades alta, média e baixa. Quando num setor registramos diversificação em relação à intensidade, consideramos a de maior hierarquia.

INDICADORES

O valor dos terrenos (A), além de variável homogenizadora dos setores foi também utilizado como indicador sócio-econômico. Permitiu hierarquizar as áreas residenciais. As áreas I são as mais e as III as menos valorizadas. Como intermediárias situam-se as áreas II.

A variável densidade/demográfica (B) serviu de indicador da função residencial dos setores. As variáveis C e D classificaram estes pela atividade econômica. Assim, o setor 1 apresenta alto valor dos terrenos, alta densidade demográfica e alta concentração de indústria, comércio e serviços. Já o setor 25 tem baixo valor dos terrenos, média concentração demográfica, alta concentração de indústrias e baixa concentração de comércio e serviços.

Na nomenclatura os serviços foram omitidos da classificação porque na planta temática correspondente acham-se aglutinados ao comércio. Usando o exemplo anterior, o setor 1 foi classificado como SETOR COMERCIAL - INDUSTRIAL - RESIDENCIAL I; o setor 25 recebeu a classificação de SETOR INDUSTRIAL - RESIDENCIAL III. Os indicadores econômicos com valor baixo foram excluídos, excetuando-se o caso em que são únicos (ex. Setor 2), por serem inexpressivos e dificultarem a nítida diferenciação das áreas.

SETORES

Os setores estão delimitados na figura 1.

O setor 1 (fig. 1) corresponde ao centro da cidade e abrange áreas portuária, industrial e de comércio atacadista. Prolongan-

(2) GRIGG, D. - Regiões, Modelos e Classes in Modelos Integrados em Geografia, CHORLEY e HAGGETT, Livros Técnicos e Científicos, RJ, 1974, p. 40.

do-se para o sul, compreende ainda áreas de elevada densidade residencial.

A partir do centro, para leste, seguem-se setores comerciais e residenciais de nível II. Reconhecemos aí uma área que está sofrendo a invasão de comércio, atividades bancárias, serviços médicos e correlatos que, anteriormente, se concentravam no centro da cidade.

Porém, possui ainda função de área residencial. Nos edifícios de apartamentos dessas áreas comerciais habita importante população de classe média; a classe alta construiu suas residências em ruas transversais, geralmente de sítio mais elevado.

No sudeste e sul, localizam-se, principalmente, setores residenciais atendidos por pequeno comércio e por centros comerciais mais sofisticados. A barreira formada pelos morros limita a urbanização nesta direção. Para o sul, diversos bairros se desenvolvem com função residencial e de lazer, à margem do lago Guaíba.

Em direção norte e nordeste, prolongam-se até o limite do município os setores industriais e comerciais, integrando funcional e espacialmente a Área Metropolitana. É um conjunto ocupado por residências de classe média e operária e uma intensa atividade comercial e industrial que se beneficia de radiais como a Farrapos e Assis Brasil, respectivamente, continuadas pelas rodovias BR-116 e BR-290. São setores que se unem aos eixos conurbadores da Grande Porto Alegre.

Na periferia da cidade, onde o preço dos terrenos é baixo, surgem as áreas residenciais de nível III, atendidas por comércio e serviços isolados caracterizados por pequenos estabelecimentos.

MODELO

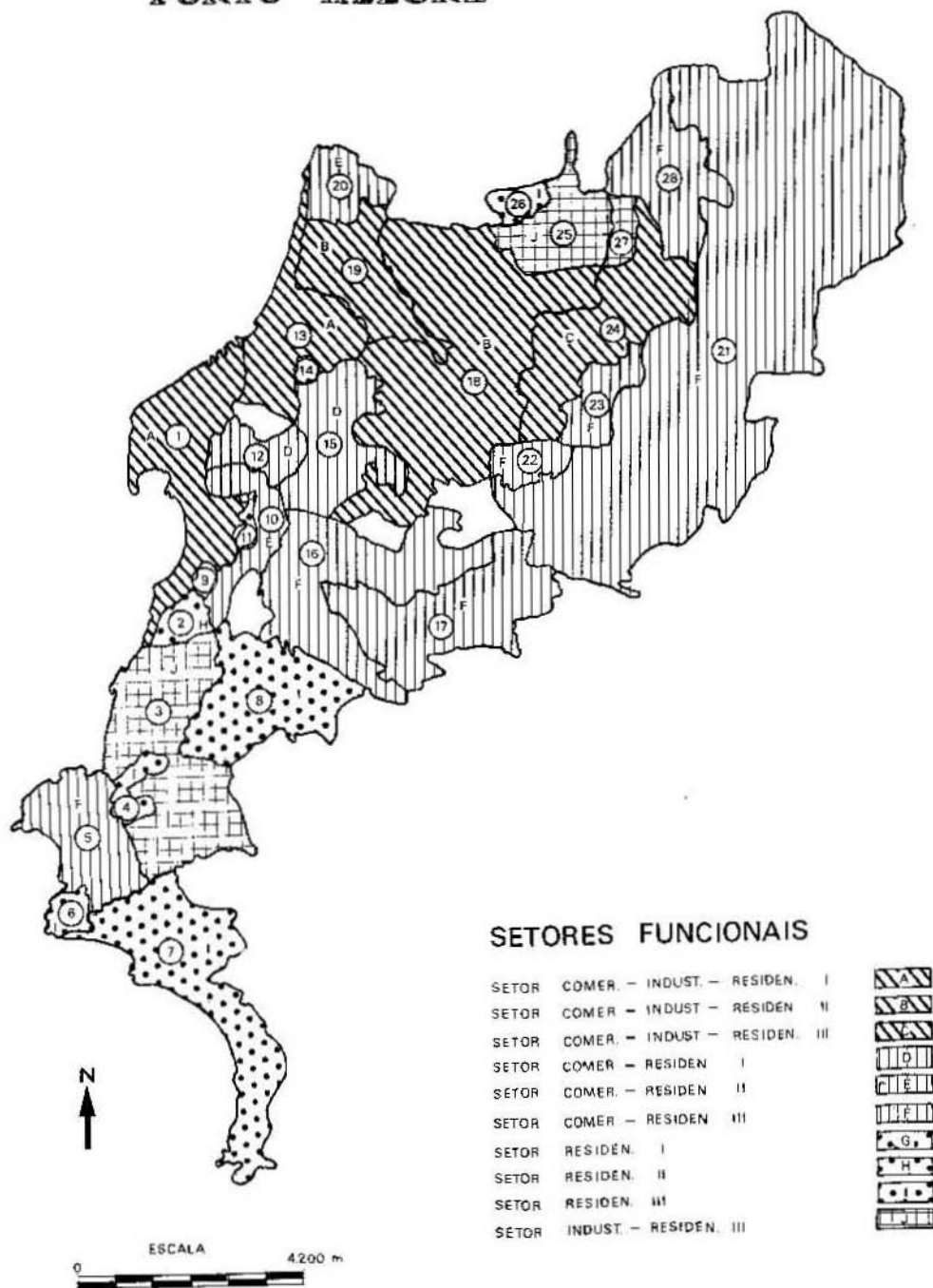
Sobre a figura 1 esquematizou-se um modelo de distribuição espacial hierarquizada das atividades econômicas urbanas e função residencial.

Usando o centro tradicional da cidade como foco, traçamos curvas paralelas nas transições dos diversos setores de igual classificação. O limite dos mesmos foi completado com linhas que convergem igualmente para o foco.

O desenho mostra um modelo subdividido em células. Há tendência de concentração de funções em determinados quadrantes e não se observa regularidade na troca de funções à medida que nos afastamos do centro, como preconizado no modelo concêntrico de desenvolvimento urbano.³

(3) TOYNE, P. e NEWBY, P.T. - Techniques in Human Geography. Macmillan, 1974, p. 111.

PORTO ALEGRE



A célula CIR-I, por exemplo, abrange o Centro, Praia de Belas, Menino Deus, parte da Cidade Baixa, bairros situados em torno do foco (fig. 2); entretanto, os bairros Bom Fim, Floresta, Moinhos de Vento, mesmo participando da célula, estão situados, a distâncias maiores, em direção nordeste. Junto está uma célula CR - I, quebrando o paralelismo.

As células industriais avançam para nordeste e as residenciais para sudeste e sul. O declínio da valorização das células residenciais é mais intenso para sudeste e sul do que para leste e nordeste.

Nítida é a divisão entre uma área norte, industrial e comercial e uma área sul sobretudo residencial.

CONCLUSÃO

A utilização de uma técnica tradicional de superposição de cartas e classificação dos espaços homogêneos identificados nos permitiu esboçar uma compartimentação funcional da cidade.

Sua generalização através de um modelo analógico configurou a distribuição espacial dos fenômenos estudados.

A capital gaúcha, na década de 1970, apresenta um nítido desenvolvimento que combina padrões do modelo concêntrico e, sobretudo, do modelo setorial.

Isto é resultado do crescimento populacional e da expansão do espaço urbano. Verificamos assim, também a formação de áreas com função específica. A caracterização detalhada destas áreas é campo de investigações bastante fecundo.

PORTO ALEGRE

MODELO FUNCIONAL

